



ARAÚJO, Gessé Almeida. *Censura Vs. insubmissão: Plínio Marcos, o homem revoltado*. Salvador-BA: Programa de pós-graduação em Artes Cênicas. Universidade Federal da Bahia; Mestrado em Artes Cênicas; Orientadora: Angela de Castro Reis. Arte/educador e ator.

RESUMO

A presente comunicação investiga a relação do dramaturgo santista Plínio Marcos (1935–1999) com a censura teatral entre os anos de 1959-1969. A hipótese central defendida se baseia na ideia de que o referido autor representou para o teatro paulistano dos anos de 1960/70 uma personalidade artística de “homem revoltado”. Para tanto, aproxima-se a natureza insubmissa do dramaturgo ao poder transcendente da revolta postulado por Albert Camus em obra homônima, *L’homme révolté*. A obsessão pelos humilhados fez de Plínio Marcos um dos dramaturgos mais perseguidos durante a ditadura militar brasileira (1964–1985), tendo pelo menos 18 de suas peças censuradas, além de ter sido proibido de exercer atividade jornalística. A partir de um estudo de caso analisa-se o período histórico em que o dramaturgo atuou na cena teatral, evidenciando sua ação rebelde diante dos órgãos de censura. Cruzando essas informações analisa-se, ainda, as principais contribuições deste autor para o teatro, sobretudo nos temas relacionados à realidade brasileira investigados por seus textos, que fazem de sua obra dramaturgicamente uma das mais combativas e atuais produzidas até hoje.

Palavras-chave: Censura teatral; Insubmissão; Plínio Marcos; Revolta.

RÉSUMÉ

Cette communication examine la relation du dramaturge santista Plínio Marcos (1935-1999) avec la censure théâtrale dans les ans 1959-1969. L'hypothèse centrale est basée sur l'idée que l'auteur mentionné représente pour le théâtre paulistano des années 1960/70 une personnalité artistique “d’homme révolté”. Pour ça, se rapproche de la nature désobéissants du dramaturge et la puissance transcendante de la révolte postulée par Albert Camus dans l’œuvre homonyme, *L’homme révolté*. L'obsession de Plínio Marcos par les humiliés fait-il l'un des dramaturges les plus persécutés pendant la dictature militaire au Brésil (1964-1985), ayant au moins 18 de ses pièces censurées, et aussi a été interdits de pratiquer le journalisme. De l'étude de cas se propose analyser la période historique dans laquelle le dramaturge a agi en scène théâtrale, montrant son action rebelle sur la censure. Combinant ces informations, on propose à analyser les principales contributions de cet auteur pour le théâtre, en particulier les questions liées à la réalité brésilienne enquêté par ses écrits, ce qui rend sa dramaturgie la plus combative et courant produit à aujourd'hui.

Mots-clé: Censure théâtrale; Insubordination; Plínio Marcos; Révolte.

Plínio Marcos de Barros (1935 – 1999) foi um dos dramaturgos brasileiros mais combativos - e censurados - que a cena teatral paulistana concebeu. A sua obstinação em investigar temáticas relacionadas ao cotidiano dos desvalidos fez de sua obra uma das mais perseguidas da cena teatral de então.

O referido dramaturgo representou como personalidade artística uma dimensão utópica de “homem revoltado” que em muito pode ser associada à sugerida por Camus (2008). É a partir da revolta que “o homem se transcende no outro” (p.29), diz o filósofo argelino. E o dramaturgo amou a revolta e a partir disso

se solidarizou com as figuras humanas que levou ao palco. Em muitos momentos, foi a voz de Plínio Marcos que conclamou a classe teatral para a luta contra todo o tipo de repressão e não somente uma luta amesquinhada “pela liberação de algumas peças” deste ou daquele autor. Nos últimos anos da ditadura, durante o Simpósio sobre a Censura, em Brasília, Plínio Marcos, numa demonstração de sua personalidade rebelde e inflamada, fala à audiência sobre qual tipo de comportamento o artista deve ter diante de uma interdição de sua obra. A revolta que identifico em Plínio Marcos pode ser compreendida, também, como um desejo de dignidade, à qual se refere:

e vamos ficar fazendo o gênero bem comportado, para a censura não ficar dura [?]. Não. É preferível que fiquemos mal comportados e a censura dura. Um dia a corda racha, porque, na verdade, a tendência do homem é a dignidade. Um dia, quando tudo parece perdido, a dignidade se manifesta e recupera os seus espaços (KHÉDE, 1981, p.194).

Levando-se em consideração a carga da perseguição que sofreu e o posicionamento que Plínio Marcos manteve em momentos críticos de sua trajetória, é possível dizer que o autor sempre se comportou como um rebelde de seu tempo. É possível, também, afirmar que o conjunto de suas obras, a que Guidarini (1996) nomeou como pertencentes à fase do “realismo contestatário”¹, compõem uma “poética rebelde” com a qual o autor santista demonstrou imensa intimidade. O termo rebelde se justifica pelo fato de que embora tenha sofrido todos os tipos de arbítrios por parte dos órgãos censores, nunca deixou de escrever o que quis, onde quis e como quis. Evidentemente pagou o preço por sua rebeldia.

Albert Camus (2008) é um autor caro à geração do dramaturgo santista, por esse motivo, também, me valho de seu pensamento para melhor compreender a personalidade rebelde de Plínio Marcos. Alguns dos companheiros de jornada do autor estudado, os ressentidos, preferiram caminhos diferentes dos que Plínio Marcos trilhava. Se, por um lado, o ressentido “inveja aquilo que não se tem” (CAMUS, p.30), o revoltado “defende aquilo que ele é” (p.30). A resposta que o dramaturgo deu ao estado de coisas sofridas durante os anos de repressão, longe do ressentimento, foi a revolta em dignificantes doses. Nas palavras de Camus (2008), o revoltado “não reclama apenas um bem que não possui ou do qual teria sido privado. Visa fazer com que se reconheça algo que ele tem e que já foi por ele reconhecido, [...], como mais importante do que qualquer coisa que ele pudesse invejar” (CAMUS, 2008, p.30).

Plínio Marcos personificou consigo todos os ideais de liberdade que pregava, para si e para todos. É bonito saber que o dramaturgo fez do teatro o instrumento ideal para levar a tona o discurso de uma subclasse, de uma ralé, subalterna. Mesmo sufocado pela censura, não foi capaz de permanecer em silêncio diante de tantas incongruências e promoveu um verdadeiro embate contra a repressão, batalhas estas das quais, quase sempre, saía perdendo:

1 Além da anteriormente mencionada obra *Dois perdidos numa noite suja e Barrela* (1958), compõem esta “fase” as seguintes obras: *Navalha na carne* (1967), *Quando as máquinas param* (original escrito em 1963, retrabalhado pelo autor em 1967), *Homens de Papel* (1968), *Oração para um pé de chinelo* (1969) e *Abajur Lilás* (1969).

A censura passa e o autor fica. Eles podem proibir meus livros, mas nunca conseguirão me impedir de escrever. Para cada peça ou livro apreendido, escreverei mais três. *A Barra do Catimbó* sai no mês que vem e outros dois começarei a escrever hoje à noite. Veremos quem tem maior resistência (MENDES, 2009, p.348).

A prerrogativa da dignidade humana pautada por Plínio Marcos levou-o a mostrar como gente aqueles que, de maneira geral, são considerados resíduos humanos. E quando, por meio de suas personagens, lançou esta “provocação”, o autor forçosamente propôs uma remodelagem da estrutura social em que vivemos (ZANOTTO, 2003). O valor que a indignação adquiriu na dramaturgia pliniana é, de certo modo, essencial para que o autor demonstrasse o domínio de sua escrita e do seu teatro. E somente o *ser* carregado de revolta é capaz de indignar-se: “Se há revolta”, aponta Camus, “é porque a mentira, a injustiça e a violência fazem parte da condição do revoltado” (2008, p.328).

A ditadura militar no Brasil demonstrou uma grande habilidade em utilizar meios pouco amistosos de debelação de movimentos que pusessem em xeque seu *status quo*. A censura prévia, a tortura, a perseguição, entre outros arbítrios eram práticas comuns que em alguns momentos adquiriram feições de política de estado. Compreendendo-se as particularidades de um contexto histórico tão embaraçoso, é possível compreender a figura do autor santista como fruto do seu tempo. Em uma época em que a mentira, a injustiça e a violência eram as práticas comuns – e levando-se em consideração a sensibilidade e o olhar clínico de Plínio Marcos para com a realidade dos desvalidos – a revolta acabava por se tornar uma espécie de válvula pela qual escapavam as sensibilidades mais aguçadas. Para Camus, “um estranho amor” pode ser o termo e o sentimento que expressa bem a relação do revoltado com o objeto de sua revolta:

[...] a revolta não pode prescindir de um estranho amor. Aqueles que não encontram descanso nem em Deus, nem na história estão condenados a viver para aqueles que, como eles, não conseguem viver: para os humilhados (CAMUS, 2008, p.348).

O sentimento de “amor aos humilhados” é bastante representativo para a geração a que me refiro da qual Zuenir Ventura (1988) destaca a generosidade ao se entregar de maneira tão apaixonada às causas que acreditava. O ideal revolucionário de amor foi em muito expandido por Che Guevara (LÖWY, 1999). Inevitável associar as ideias de Camus ao pensamento do combatente argentino, muito em voga no período estudado, apesar de Plínio Marcos assumir uma imagem de um ser livre das legendas políticas – anarquista, como ele próprio disse em momentos de sua vida.

A imagem que Plínio Marcos cultivou foi sempre a de uma figura destemida e sisuda. Contudo, é impossível afirmar que este autor não foi um homem que como tantos outros viveu o seu tempo (para o bem ou para o mau). O autor sentia-se na obrigação de, a partir do encontro com a sua “religiosidade subversiva”, não deixar margem para que seu modo de vida se tornasse incoerente diante de suas palavras. Na qualidade de revoltado, o santista lutou até o fim da vida para encarnar o seu próprio discurso (MENDES, 2009).

Em alguns momentos de sua trajetória, sobretudo nos anos pós-ditadura, o discurso de Plínio Marcos acabou por tomar certo tom quase rancoroso. Apesar de sua importância para o teatro e para a cultura brasileira, o autor era uma figura pouco vista nos veículos de comunicação como a televisão, por exemplo. O dramaturgo sofreu durante determinado tempo também, uma espécie de boicote das editoras o que o levou a editar seus próprios livros e viver de sua comercialização nas portas dos teatros e restaurantes de São Paulo. Esses, entre outros fatores, levaram alguns a considerá-lo como um “alternativo”. O próprio autor desfez o equívoco em entrevista ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, em 1988: “eu não sou alternativo, sou enjeitado. Alternativo é quem escolhe, eu fui posto pra fora” (MARKUN, 2005, p.46).

Se para alguns Plínio Marcos era o dramaturgo “alternativo” ou “enjeitado”, para outros, o autor santista era um gênio que deveria ser divulgado, lido e encenado constantemente. Para estes, o autor se referiu com o mesmo tom explosivo:

Não acho que ter apenas o 4º ano primário e poder escrever peça seja uma genialidade, mesmo porque, [...], não sou um gênio, mas apenas um retratista do tempo mau em que vivo. Há escritores que escrevem por transbordamento e escritores que escrevem por carência. Escrevo por carência, porque neste País, nem todos que podem escrever escrevem, então, ocupo um lugar e faço reportagem do meu tempo. É só isso (KHÉDE, 1982, p.202).

A personalidade artística do autor santista é por si só uma de suas contribuições para o teatro brasileiro dos anos de 1960. Seu temperamento de “homem revoltado”, sua capacidade de indignação e o seu poder de combatividade são características necessárias aos artistas. Além disso, a obra do dramaturgo deu ao teatro brasileiro importantes contribuições no campo estético propriamente: as personagens e os temas abordados por ele, sobretudo a exploração mútua de seres humanos pertencentes ao lumpem brasileiro (profissionais do sexo de baixo custo, os garotos moradores de rua, presidiários, os párias de uma maneira geral).

A obra de Plínio Marcos toma uma maior relevância quando capta-se a dimensão ética que ela possui. Em um contexto histórico marcado por uma ditadura militar que manteve-se por duas décadas no poder – metade deste tempo sob o “olho por olho, dente por dente” do AI-5 - era natural que os “nervos ideológicos” vivessem à flor da pele. O autor santista demonstrou, no mínimo, uma imensa coragem ao estabelecer um lugar para os marginalizados nos palcos brasileiros nos anos de 1960.

Com base em temas tão caros à realidade brasileira da época Plínio Marcos escreveu seu nome na dramaturgia brasileira. Hoje, mais de 40 anos após a sua floração, as obras deste autor continuam capazes de chocar plateias pela atualidade que sustentam. O próprio Plínio Marcos dizia, pouco antes de falecer, que se suas peças permanecem atuais, o mérito não era seu, e sim da situação em que o país se encontra, que apesar dos avanços, mantém semelhanças pouco confortáveis com estigmas sociais dos anos de 1960. Freire (2009) fez uma

importante constatação quando das comemorações dos 40 anos do ano de 1968: “esqueceram de alguém”. Mesmo com toda a sua importância, Plínio Marcos, umas das principais personagens da cultura brasileira naquele ano, foi pouco mencionada. Um atestado da tão apregoada falta de memória que costumamos ter em nosso país.

REFERÊNCIAS:

- CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Tradução: Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.
- COSTA, Cristina. **Censura em cena: teatro e censura no Brasil**. São Paulo: EDUSP, Fapesb, Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- FREIRE, Rafael de Luna. **Esqueceram de alguém nos quarenta anos de 1968: Plínio Marcos no teatro e no cinema, ontem e hoje**. Revista online do Grupo de Pesquisa em cinema e literatura. Vol. 1, Nº 6, Ano VI, Dezembro, 2009.
- KHÉDE, Sonia Salomão. **Censores de pincenê e gravata: dois momentos da censura teatral no Brasil**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1981.
- LÖWY, Michael. **O pensamento de Che Guevara**. Revisão: Áurea Lopes e Flamarion Maués. São Paulo: Expressão Popular, 1999.
- MARCOS, Plínio. **O truque dos espelhos**. São Paulo: Una Editora, 1999.
- MARCOS, Plínio. **Plínio Marcos: Melhor Teatro**. São Paulo: Global Editora, 2003.
- MARKUN, Paulo (Org.). **O melhor do Roda Viva: o mais antigo e respeitado programa de entrevistas da TV**. Vol: Cultura. São Paulo: Conex, 2005.
- MENDES, Osvaldo. **Bendito Maldito: Uma biografia de Plínio Marcos**. São Paulo: Editora Leya, 2009.
- MICHALSKI, Yan. **O palco amordaçado**. Rio de Janeiro: Avenir, 1979.
- MICHALSKI, Yan. **O teatro sob pressão: uma frente de resistência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da estética**. Tradução: Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- VENTURA, Zuenir. **1968, o ano que não terminou: a aventura de uma geração**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988.
- ZANOTTO, Ilka Marinho. **Descida aos infernos - Prefácio**. In: ZANOTTO, Ilka Marinho. **Plínio Marcos - Melhor teatro**. São Paulo: Global, 2003.